

Roma, 1963

## A veste dos cristãos

Às vezes, Senhor, em meio às vaidades que circulam pelas ruas da cidade, entre a frivolidade e a superficialidade, a tristeza e a pressa do homem, de cada homem que passa, o roçar de um hábito de freira, a silenciosa e angélica passagem de uma “irmãzinha de Foucauld” em seu aspecto decididamente modesto, falam ainda às nossas almas do ideal do seu fundador, que “gritou” o Evangelho com a sua vida.

E renasce então em nós, mais veemente, o desejo de “dizer-te” também nós, de “gritar-te” também nós...

Mas como podemos, com a nossa simples passagem, “dar-te” ao mundo, “dizer-te” ao mundo, testemunhar-te, pregar-te, nós que nos vestimos como todos, que nos confundimos agora com todos, como Maria no seu tempo, como Jesus?

Em que poderão reconhecer-te?

E do coração brota nova a resposta evangélica, a tua solução ao nosso quesito: «Nisto reconhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros» (João 13, 35).

Eis o hábito dos cristãos comuns, que, velhos e jovens, homens ou mulheres, casados ou não, adultos e crianças, doentes ou sadios, podem vestir para gritar, em toda parte e sempre, com a própria vida, Aquele em que creem, Aquele a quem querem amar.

(Escritos espirituais/1, p. 261)